

Criticada política monetária

ESTADO DE SÃO PAULO

A inflação cai em janeiro, mas volta a subir a partir de fevereiro, caso o governo mantenha a linha monetarista, segundo conclusão de economistas que se reuniram ontem na sede da Ordem dos Economistas em São Paulo para avaliar os resultados da política econômica do governo Collor e as perspectivas para este ano. Em vez de conter a procura, o aperto da política monetária reduziu o volume da produção, com efeitos negativos sobre os preços, argumentam. "Taxa de juros de 200% reais ao ano para empréstimo de curto prazo só é comparável à exploração do lenocínio", critica o ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega.

Para Yoshiaki Nakano, ex-assessor especial do Ministério da Fazenda, a política monetária não apresentará resultados positivos antes de três ou quatro anos e muito sofrimento por parte da sociedade brasileira. A experiência chilena e de outros países mostrou que os efeitos desse instrumento de combate à inflação são lentos, diz o economista. No Chile, segundo

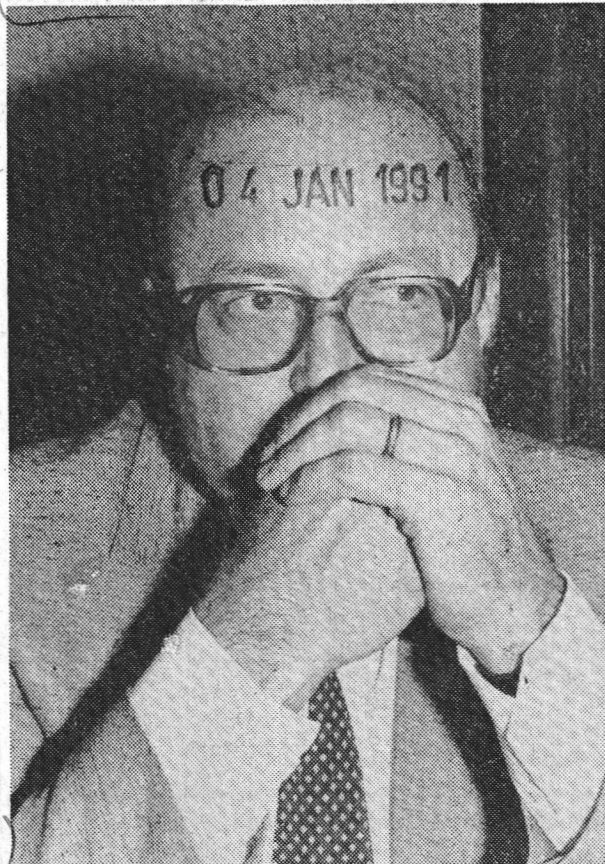
Nakano, os preços só começaram a cair depois de dez anos. "Nem mesmo os monetaristas mais ortodoxos defendem essa política de combate à inflação."

O presidente do Sindicato dos Economistas no Estado de São Paulo, Sideval Aroni, como Nakano, defendeu a adoção de uma política de rendas, ou seja, o congelamento de preços, para reduzir a dose de sacrifício da sociedade. Ele acha que o governo cometeu um erro de avaliação ao supor que os agentes econômicos manteriam uma atitude passiva em relação à política adotada. Na realidade ocorreu o inverso, afirma. Empresários e trabalhadores tentam se proteger dos efeitos da recessão, por falta de credibilidade no plano econômico. "A sensação vigente na sociedade é de frustração", observa Aroni. Já Antônio Luque, eleito presidente do Conselho de Economia, diz que nenhum plano dará certo se os seus idealizadores não recuperarem os mecanismos de financiamento e, com isso, a saúde financeira do Estado, "para elimi-

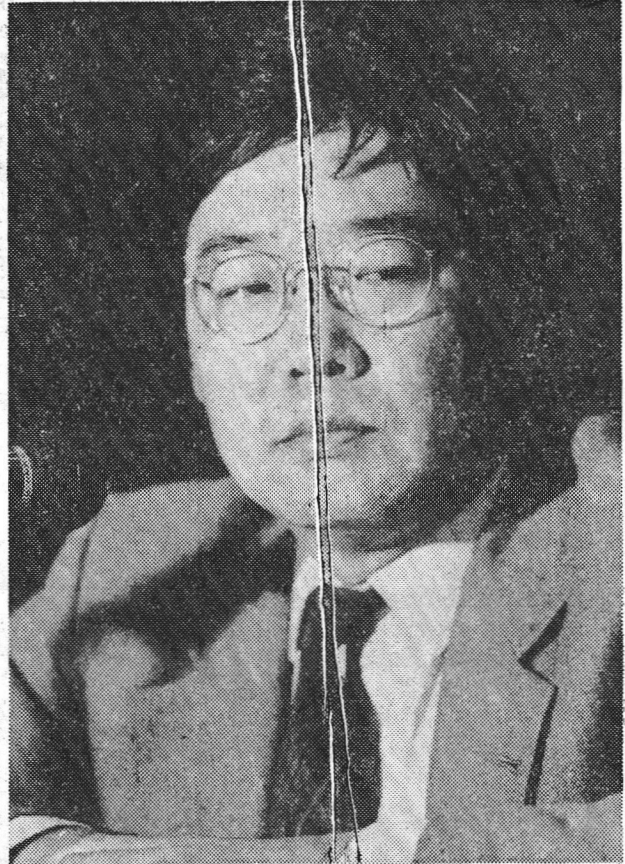
nar os conflitos distributivos".

Roberto Macedo, presidente da Ordem dos Economistas, lembra que no final da década de 60 os ex-ministros Octavio Gouvêa de Bulhões (da Fazenda) e Roberto Campos (do Planejamento) formavam uma dupla perfeita. "Enquanto Bulhões cortava os gastos do governo, Campos idealizava novas fórmulas de financiamento para manter a retmada do crescimento." Macedo afirma que os planos econômicos dos anos 80 serviram ao menos para que governantes e a sociedade acumulassem experiência. Para ele, não adianta copiar fórmulas aplicadas em outros países, porque o Brasil tem características próprias.

Mailson da Nobrega não acredita que o governo venha a fechar um acordo em condições favoráveis com os credores da dívida externa brasileira. O País, entende, perde uma grande oportunidade de obter recursos no Exterior, por meio da venda de bônus a investidores institucionais. Segundo informou, há pelo menos US\$ 10 bilhões disponíveis no mercado de capitais.



Luiz Luppi/AE — 14/12/89



Cesar Diniz/AE — 12/12/87

Mailson: "Juro real de 200% ao ano é exploração"

Nakano: resultado, só depois de três anos de sofrimento